

# Novas ocorrências de gastrópodes e bivalves marinhos no Brasil (Mollusca)

Ricardo Silva Absalão<sup>1,2</sup>, Carlos Henrique Soares Caetano<sup>1,3</sup> & Alexandre Dias Pimenta<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ilha do Fundão, 21941-590 Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup> Departamento de Biologia Animal e Vegetal, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Avenida São Francisco Xavier 524, Maracanã, 20550-900 Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>3</sup> Bolsista DTI/CNPq.

---

**ABSTRACT. New records of marine gastropods and bivalves from Brazil (Mollusca).** The gastropods *Costaclis egregia* (Dall, 1889), *Thaleia nisonis* (Dall, 1889), *Tjaernoëia michaeli* Engl, 2001 and the bivalves *Bathyarca* sp., *Myonera* aff. *ruginosa* (Jeffreys, 1882) are recorded for the first time in Brazilian waters. This paper presents a brief description of these species and also include illustrations.

**KEY WORDS.** *Bathyarca*, Brazil, *Costaclis*, marine mollusks, *Myonera*, new occurrences, *Thaleia*, *Tjaernoëia*.

---

Os moluscos constituem um dos maiores filões de invertebrados em número de espécies, dentre os quais as classes Gastropoda e Bivalvia são bem representadas no bentos marinho (DIAZ & PUYANA 1994). Apesar disso, em estudo recente, BOUCHET (1997) concluiu que a Malacologia deve receber, nos próximos anos, um amplo esforço na taxonomia alfa para que possamos ter uma figura mais fidedigna da biodiversidade do filo. Esse mesmo autor também sugeriu que os maiores reservatórios de novas espécies estariam localizados nas regiões tropicais marinhas, principalmente no que diz respeito aos micromoluscos de águas profundas.

A biodiversidade de moluscos marinhos no Brasil é, sem dúvida, subestimada. Desde a publicação do último catálogo de moluscos marinhos do Brasil (RIOS 1994), observamos um incremento significativo no número de espécies como consequência tanto da descrição de novas espécies (ca. de 64 segundo listagem em PIMENTA & COSTA 2002), bem como pelo registro de novas ocorrências de espécies para o nosso litoral decorrentes de trabalhos de revisão taxonômica de famílias e gêneros de moluscos marinhos (e.g. ABSALÃO *et al.* 1996, ABSALÃO *et al.* 2001, ABSALÃO & GOMES 2001, PIMENTA & ABSALÃO 2001, 2002).

O conhecimento da biodiversidade marinha ao longo de toda a costa brasileira vem recebendo um notável impulso desde o início das atividades do Programa REVIZEE ("Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva"). Esse programa é de fundamental importância político-econômica e estratégica para o Brasil, tendo como objetivos garantir a ocupação e uso da Zona Econômica Exclusiva. Durante o processamento do material da Campanha Oceanográfica "Central 5", Cruzeiro de Bentos, do programa REVIZEE/Score Central e de amostras obtidas na Baía de Campos, Rio de Janeiro, identificamos cinco micromoluscos até então desconhecidos para as águas brasileiras.

## MATERIAL E MÉTODOS

O material malacológico estudado foi coletado durante os anos de 2001 e 2002 em Campanhas Oceanográficas oriundas de duas origens: a) Campanha Oceanográfica "Central 5" do programa REVIZEE/Score Central, realizada entre os dias 17 e 22 de julho de 2001; b) Baía de Campos, litoral norte do Estado do Rio de Janeiro, sob os auspícios da PETROBRÁS S.A durante os anos de 2001 e 2002. Em ambos os casos, foi utilizado o "Supply Boat" Astro-Garoupa adaptado para pesquisa oceanográfica e amostrador do tipo "Box-Corer".

O material deste estudo consistiu-se de conchas desprovidas de partes moles e o seu bom estado de conservação minimiza a possibilidade de ocorrência de transporte pós morte. Além disso, ABSALÃO *et al.* (1999) mostraram que a remobilização de moluscos pós morte é muito baixa, mesmo ao considerar uma escala espacial de poucos quilômetros, para uma região mais costeira nos arredores de Macaé, norte do Estado do Rio de Janeiro. Adicionalmente, KIDWELL (2001a, b), a partir de análises comparativas de faunas de moluscos marinhos e suas conchas vazias associadas, indicou que associações sedimentares de moluscos mortos refletem, de forma robusta, a composição e a abundância da comunidade local, o que fornece subsídios a favor da utilização de dados de conchas vazias e naturalmente acumuladas para estudos de caracterização da malacofauna. Essas evidências reforçam a hipótese de que os registros dos táxons aqui estudados para o litoral brasileiro são corretos e relativamente precisos para as localidades específicas para as quais estão sendo reportados.

A identificação do material foi baseada em comparações da morfologia das conchas com as descrições e ilustrações originais da literatura. Secundariamente, o material malacológico depositado na coleção de moluscos do Departamento

de Zoologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBUFRJ) também foi utilizado para comparação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise conquiológica permitiu a identificação dos gastrópodes *Costaclis egregia* (Dall, 1889), *Thaleia nisonis* (Dall, 1889), *Tjaernoëia michaeli* Engl, 2001 e dos bivalves *Bathyrca* sp. e *Myonera* aff. *ruginosa* (Jeffreys, 1882), até então não assinalados para o litoral do Brasil (Rios 1994). A seguir é apresentada uma caracterização de cada um dos táxons baseada no nosso material, seguida de uma breve discussão.

### Gastropoda Cuvier, 1797 Eulimidae Risso, 1826 *Costaclis* Bartsch, 1947 *Costaclis egregia* (Dall, 1889) Figs 1-3

*Aclis egregia* Dall, 1889: 325, pl. 18, fig. 12.

*Aclis* (*Costaclis*) *egregia*; Abbott, 1974: 132, fig. 1456.

Caracterização. Concha fina, não polida, cor branca, atingindo cerca de 11,0 mm de comprimento. Protoconcha lisa e bulbosa, translúcida, levemente torcida. Teleoconcha com 11 voltas convexas e sutura distinta. Primeiras três ou quatro voltas com costelas mais finas e menos conspícuas; as demais voltas com numerosas costelas axiais opistóclinas, irregularmente espaçadas, mais proeminentes posteriormente. Escultura espiral ausente. Abertura ovalada, estreitada posteriormente, às vezes com labio externo ligeiramente rebatido em sua porção mais anterior; columela arqueada e suavemente refletida, formando uma fenda profunda mas não um umbílico.

Distribuição geográfica. EUA: Flórida, Antilhas (ABBOTT 1974); Brasil: Bahia.

Material examinado. IBUFRJ 12360, REVIZEE CENTRAL # 4 (14°48,30'S, 038°55'W, 250 m), 02/VII/2001 [2 conchas].

Discussão. DALL (1889) já destacava, por ocasião da descrição original, que a concha dessa espécie apresentava dimensões superiores àquelas comumente observadas para os membros do gênero *Aclis* Löven, 1846, porém, na ausência de partes moles, preferiu incluí-la, pelo menos provisoriamente, neste gênero. BARTSCH (1947) criou o gênero *Costaclis* para reunir um grupo de acilídeos de conchas alongadas (comprimento geralmente superior a 10 mm) e com costelas axiais. Já BOUCHET & WARÉN (1986), admitem um estreito parentesco deste gênero com os demais representantes da família Eulimidae.

Os exemplares aqui estudados se ajustam muito bem ao conceito de *Costaclis egregia*, contudo apresentaram-se axialmente esculpturados desde o início até o final da teleoconcha enquanto que, em sua descrição original, DALL (1889) reporta que essas costelas só seriam visíveis nas voltas intermediárias da concha. Não foi observada ornamentação espiral, embora DALL (1889) tenha reportado que tal escultura possa ocorrer com uma expressividade variável.

### *Thaleia* Warén, 1979 *Thaleia nisonis* (Dall, 1889) Figs 4-5

*Benthonella nisonis* Dall, 1889: 283.

*Thaleia nisonis*; Warén, 1979: 284, fig. 5.

Caracterização. Concha fina, polida, cor branca, alongada, cônica, atingindo cerca de 5,0 mm comprimento. Protoconcha com 4,5 voltas, de cor marrom-escuro e ornamentada com uma série de diminutas depressões mais ou menos arrançadas em linhas espirais. Teleoconcha com cinco voltas convexas dotada de microscópicas linhas axiais só distinguíveis sob aumento muito grande; sutura bem marcada. Abertura arredondada com estreitamento posterior; umbílico estreito.

Distribuição geográfica. EUA: Flórida (off Fernandina); Golfo do México; Bahamas; Cuba (off Cape San Antonio) (WARÉN 1979); Brasil: Rio de Janeiro (Bacia de Campos) e Bahia (proximidade do Arquipélago de Abrolhos).

Material examinado. IBUFRJ 12361, off Bacia de Campos (22°33'24"S, 040°12'10"W, 900 m), 18/V/2002 [1 concha]; IBUFRJ 12362, off Bacia de Campos (21°58'33"S, 039°51'52"W, 1200 m), 24/IX/2001 [2 conchas]; IBUFRJ 12699, REVIZEE CENTRAL # 5 (15°34,08'S, 038°49,81'W, 50 m), 01/VII/2001 [1 concha].

Discussão. WARÉN (1979) estudou a anatomia de *Benthonella nisonis* Dall, 1889, concluindo ser bem distinto dos demais eulimídeos conhecidos, e propondo a criação do gênero *Thaleia* para abrigar esse táxon.

Os exemplares aqui estudados (Fig. 4) são praticamente idênticos ao exemplar ilustrado por WARÉN (1979: 286, fig. 5). Entretanto, esse autor, apesar de mencionar a ocorrência de linhas espirais e axiais quase indistintas na protoconcha, não faz referência a escultura formada por depressões diminutas mais ou menos arrançadas em linhas espirais que encontramos na protoconcha dos exemplares aqui estudados.

A espécie conchiologicamente mais próxima à *T. nisonis* parece ser *Umbilicalcis lata* (Dall, 1889), da qual distingui-se por sua protoconcha com mais voltas (4,5 em *T. nisonis* e 2,5 em *U. lata*) e de coloração distinta, protoconcha branca em *U. lata* e marrom-escuro em *T. nisonis* (Fig. 5). WARÉN (1979) rejeitou o registro e a figura de *Benthonella nisonis* em ABBOTT (1974: 75, fig. 661) alegando tratar-se na verdade de um eulimídeo ainda não descrito.

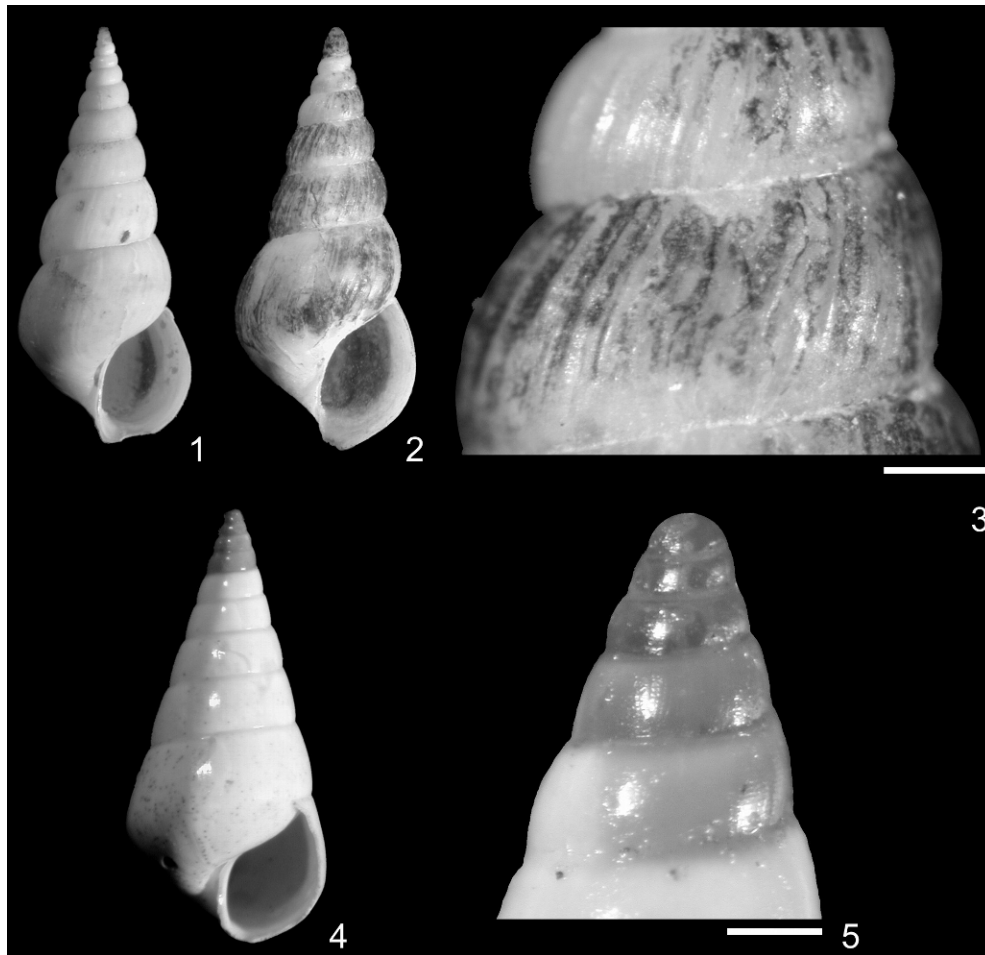
### Tjaernoëidae Warén, 1991 *Tjaernoëia* Warén & Bouchet, 1988 *Tjaernoëia michaeli* Engl, 2001 Figs 6-7

*Tjaernoëia michaeli* Engl, 2001: 11-12, figs 1-3.

Caracterização. Concha fina e bastante delicada, de coloração branca, globosa e pequenas dimensões (comprimento de 0,62 mm e diâmetro de 0,55 mm). Protoconcha pequena, globosa, lisa, com cerca de 1,5 voltas (diâmetro aproximado de 157 mm). Teleoconcha com até duas voltas convexas; esculpturada externamente por depressões largas e irregularmente arredondadas dispostas em linhas mais ou menos espirais, tendendo a se anastomosar nas regiões próximas às suturas e ao redor do umbílico. Abertura holostomada, levemente arredondada. Labio externo fino. Umbílico profundo e circular.

Distribuição geográfica. Antártica: Estreito de Drake (localidade-tipo) (ENGL 2001); Brasil: Rio de Janeiro (Bacia de Campos).

Material examinado. IBUFRJ 11912, off Bacia de Campos (21°58'33"S, 039°51'52"W, 1200 m), 05/X/2001 [2 conchas]; IBUFRJ 12748, off Bacia de Campos (21°58'31"S, 039°50'29"W,



Figuras 1-5. Eulimidae. (1-3) *Costaclis egrégia*: (1) IBUFRJ 12360, comprimento 10,7 mm; (2) IBUFRJ 12360, comprimento 7,4 mm; (3) detalhe das costelas axiais IBUFRJ 12360; (4-5) *Thaleia nisonis*: (4) IBUFRJ 12362, comprimento 5,2 mm; (5) protoconcha IBUFRJ 12699. Barra de escala: 250 µm.

1350 m), ix/2001 [2 conchas]; IBUFRJ 12924, off Bacia de Campos (22°02'56"S, 039°50'37"W, 1230 m), 08/V/2002 [6 conchas].

**Discussão.** WARÉN & BOUCHET (1988) ao criarem o gênero *Tjaernoëia* colocaram-no na família Pyramidellidae. Mais recentemente, WARÉN (1991) após estudo da rádula de alguns exemplares criou uma nova família para o gênero, estabelecendo que, apesar da incerteza quanto ao relacionamento filogenético de Tjaernoëidae com outros gastrópodes, a presença de certos caracteres como tentáculos cefálicos bífidos, bifurcação suave na parte anterior do pé e um propódio profundamente dividido sugerem um parentesco com os Heterobranchia.

Os exemplares aqui estudados são muito similares a ilustração de *T. michaeli*, havendo, no entanto certa variação no umbílico, o qual se apresenta mais estreito em algumas conchas.

*Tjaernoëia michaeli* Engl, 2001 foi originalmente descrita para a região próxima ao Estreito de Drake, Antártica (ao sul da Terra do Fogo), constituindo o primeiro registro deste gênero para o Atlântico Sudoeste, o qual era conhecido apenas para as

costas da Suécia, Islândia, Mar Mediterrâneo (WARÉN & BOUCHET 1988, WARÉN 1991), além das Ilhas Britânicas e costa Atlântica da França (RODRIGUEZ BABIO & THIRIOT-QUIÉVREX 1947 *apud* WARÉN 1991). WARÉN (1991) também reportou espécies não descritas deste gênero para Nova Zelândia e Golfo do México. O registro de *T. michaeli* para a costa brasileira (ca. 22°S), amplia a distribuição conhecida do gênero *Tjaernoëia* no Oceano Atlântico.

**Bivalvia Linnaeus, 1758**

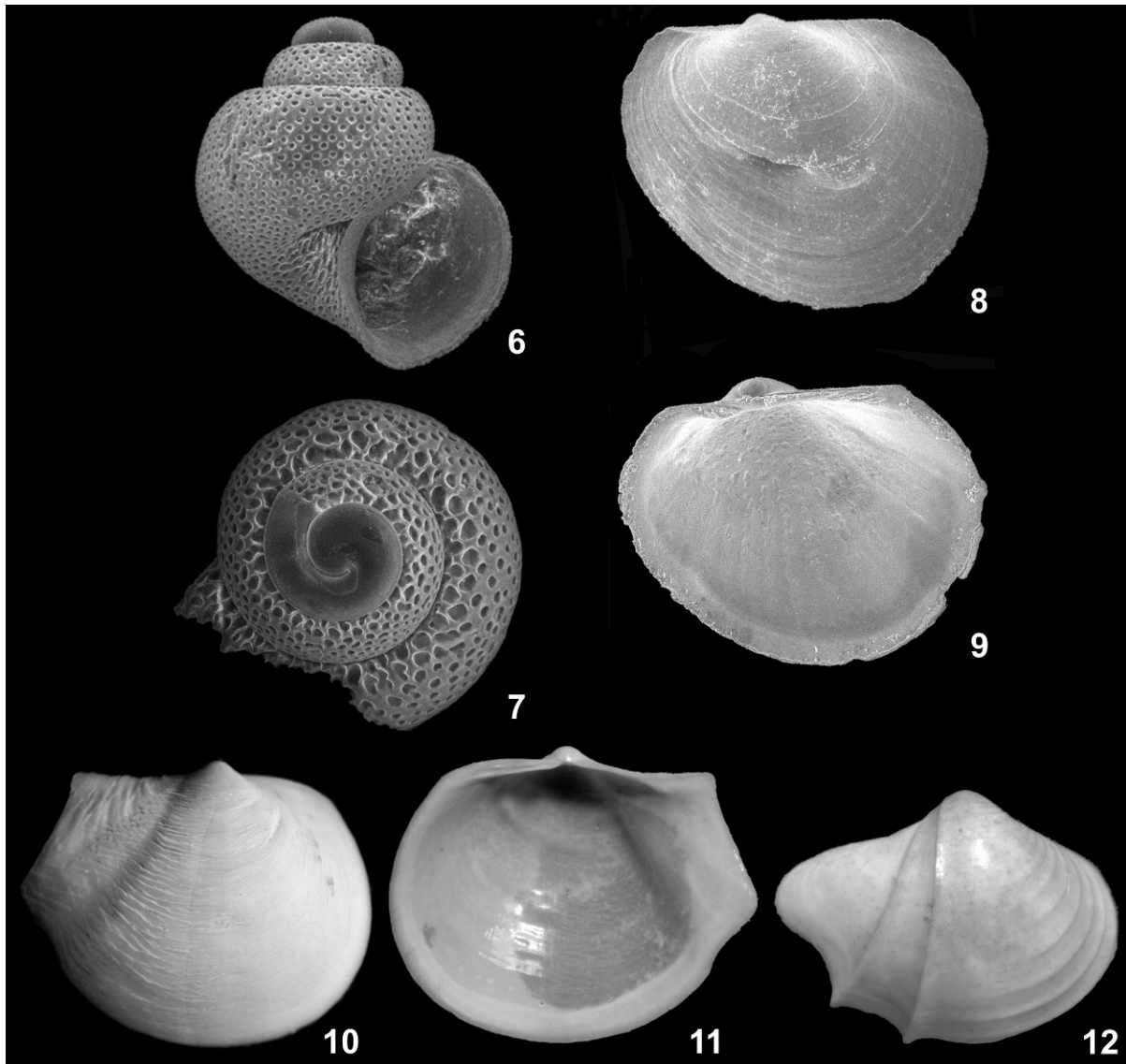
**Arcidae Lamarck, 1809**

***Bathyarca* Kobelt, 1891**

***Bathyarca* sp.**

**Figs 8-9**

**Caracterização.** Concha pequena (ca. 3 mm), semi-circular, fina, comprimida, obliquamente alongada, com umbo central e proporcionalmente largo. Superfície externa escul-



Figuras 6-12. (6-7) *Tjaernoeia michaeli*: (6) IBUFRJ 11912, comprimento 0,62 mm, largura 0,55 mm; (7) IBUFRJ 11912, vista apical, largura 0,5 mm; (8-9) *Bathyarca* sp.: IBUFRJ 12729, comprimento 2,4 mm; (10-11) *Myonera* aff. *ruginosa*: IBUFRJ 12731, comprimento 5,3 mm; (12) *Myonera paucistriata*: IBUFRJ 12925, comprimento 8,2 mm.

turada por linhas concêntricas finas e costelas axiais bem suaves. Charneira reta, podendo apresentar dentes finos.

Distribuição geográfica. Brasil: Rio de Janeiro (Bacia de Campos)

Material examinado. IBUFRJ 12729, off Bacia de Campos (22°41'12"S, 040°14'11"W, 1197 m), 15/V/2002 [2 valvas]; IBUFRJ 12730, off Bacia de Campos (22°37'48"S, 040°13'41"W, 1002 m), 19/V/2002 [1 valva].

Discussão. A maioria dos bivalves da família Arcidae são espécies com conchas robustas, de tamanho médio a grande, e habitantes da região entre-marés ou de águas rasas. No entanto,

alguns gêneros apresentam conchas finas, de tamanho reduzido (4-5 mm) e ocorrem em grandes profundidades (BOYD 1998). Neste caso, inclui-se os representantes do gênero *Bathyarca*. O presente registro de *Bathyarca* sp. para o litoral do Brasil constitui o primeiro registro desse gênero para o Sudoeste do Atlântico, o qual apresenta uma ampla distribuição geográfica, com registros para o Oceano Pacífico, Austrália, Ártico, além de boa parte do Oceano Atlântico: litoral leste dos EUA, Golfo do México, Caribe, Colômbia e Oeste da África (DALL 1881, 1886, ABBOTT 1974, NEWELL 1969, DIAZ & PUYANA 1994).

Os exemplares do Brasil, embora se ajustem bem ao con-

ceito de *Bathyarca* (ABBOTT 1974), apresentando concha diminuta, obliquamente alongada, charneira estreita e margens arredondadas, não puderam ser determinados como nenhuma das espécies conhecidas, ou de *Bathyarca* sp. reportada para o Caribe Colombiano por DIAZ & PUYANA (1994). Assim como estes últimos autores, optamos por manter a determinação em nível genérico, até que mais material para estudo esteja disponível.

### Cuspidariidae Dall, 1886

#### *Myonera* Dall, 1886

#### *Myonera* aff. *ruginosa* (Jeffreys, 1882)

Figs 10-II

*Neaera ruginosa* Jeffreys, 1882: 942, pl. 71, fig. 7.

*Myonera ruginosa*; Abbott, 1974: 568, fig. 6229.

Caracterização. Concha pequena, atingindo até 5,3 mm de comprimento, de forma oval-arredondado, inequivalve, levemente equilateral, comprimida, fina e frágil. Extremidade anterior curta e de margens arredondadas; extremidade posterior dotada de um rostro mais largo do que longo. Uma quilha suave ocorre entre o rostro e a região posterior da concha. Superfície externa esculpura com numerosas e finas linhas concêntricas de crescimento que se ramificam, dando um aspecto enrugado à concha. Margem dorsal estende-se por baixo do proeminente umbo central.

Distribuição geográfica. EUA: Massachusetts (ABBOTT 1974); Brasil: Rio de Janeiro (Bacia de Campos).

Material examinado. IBUFRJ 12731, off Bacia de Campos (21°58'29"S, 039°46'35"W, 1691 m), 08/X/2001 [2 valvas].

Discussão. Os exemplares analisados se ajustam parcialmente ao conceito original de *Myonera ruginosa*, diferindo principalmente no tamanho do rostro que nesta é bastante pequeno e curto. Rios (1994) reporta somente uma espécie do gênero *Myonera* para o Brasil, *Myonera paucistriata* Dall, 1886, que se caracteriza pela presença de duas fortes quilhas na região posterior da concha (Fig. 12). *Myonera* aff. *ruginosa* pode ser facilmente distingüida da espécie anteriormente citada pela presença de somente uma quilha, da concha mais comprimida e do umbo menor.

### AGRADECIMENTOS

Ao Dr. A. Warén (Swedish Museum of Natural History), pelos comentários sobre a taxonomia de *Tjaermeoia michaeli* e *Thaleia nisonis*; Dr. J. Leal (Bailey-Matthews Shell Museum), pelo envio de parte da bibliografia; Dr. J. de Brito (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) pelo auxílio para as fotografias de varredura e ao Dr. Walter Narchi e Dra. Sônia Godoy Bueno de Carvalho Lopes (ambos da Universidade de São Paulo) pela avaliação crítica e sugestões quanto ao manuscrito. Este estudo foi parcialmente financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e CAPES (Conselho de Aperfeiçoamento de Ensino Superior).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOTT, R.T. 1974. *American Seashells*. New York, van Nostrand Reinhold Co., 2<sup>nd</sup> ed., 663p.
- ABSALÃO, R.S. & R.S. GOMES. 2001. The species usually reported in the subgenus *Brochina* (*Caecum*, Caecidae, Caenogastro-

poda) from Brazil and some relevant type specimens from western Atlantic. *Bollettino Malacologico*, Roma, 37 (1-4): 9-22.

ABSALÃO, R.S.; A.D. PIMENTA; R.S. GOMES & F. CECCHETTI. 1999. Associações Malacológicas dos substratos inconsolidados na Área de proteção Ambiental do Arquipélago de Santana, Macaé, Rio de Janeiro, p. 173-289. In: S.H. DA SILVA & H.P. LAVRADO (Eds). *Ecologia dos Ambientes Costeiros do Estado do Rio de Janeiro. Oecologia Brasiliensis*. Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Ecologia, UFRJ, vol. VII, XIV+304p.

ABSALÃO, R.S.; C. MIYAJI & A.D. PIMENTA. 2001. The genus *Brochula* Iredale, 1912 (Gastropoda, Trochidae) from Brazil: description of a new species, with notes on other South American species. *Zoosystema*, Paris, 23 (4): 675-687.

ABSALÃO, R.S.; A.D. PIMENTA & P.M.S. COSTA. 1996. Novas ocorrências de gastrópodes no litoral do Rio de Janeiro (Brasil). *Nerítica*, Curitiba, 10: 57-68.

BARTSCH, P. 1947. A monograph of the West Atlantic mollusks of the family Aclididae. *Smithsonian Miscellaneous Collection*, Washington, D.C., 106 (20): 1-29.

BOUCHET, P. 1997. Inventorying the molluscan diversity of the world: what is our rate of progress? *The Veliger*, San Francisco, 40 (1): 1-11.

BOUCHET, P. & A. WARÉN. 1986. Revision of the Northeast Atlantic bathyal and abyssal Aclididae, Eulimidae, Epitonidae (Mollusca, Gastropoda). *Bollettino Malacologico*, Roma, Supplement 2: 297-576.

BOYD, S.E. 1998. Order Arcoida, p. 253-261. In: P.L. BEESLEY; G.J.B. ROSS & A. WELLS (Eds). *Mollusca: The Southern Synthesis. Fauna of Australia*. Melbourne, CSIRO Publishing, vol. 5, part A, XI+499p.

DALL, W.H. 1881. Reports on the results of dredging, under the supervision of Alexander Agassiz, in the Gulf of Mexico (1877-78) and in the Caribbean Sea (1879-1880), by the U. S. Coast Survey Steamer "Blake", Lieutenant-Commander C.D. Sigsbee, U.S.N., and Commander J.R. Bartlett, U.S.N., commanding. XV. Preliminary report on the Mollusca. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology*, Harvard, 9 (2): 33-144.

———. 1886. Reports on the results of dredging, under the supervision of Alexander Agassiz, in the Gulf of Mexico (1877-78) and in the Caribbean Sea (1879-1880), by the U.S. Coast Survey Steamer "Blake", Lieutenant-Commander C.D. Sigsbee, U.S.N., and Commander J.R. Bartlett, U.S.N., commanding. XXIX. Report on the Mollusca. Part I Brachiopoda and Pelecypoda. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology*, Harvard, 12 (6): 171-318.

———. 1889. Reports on the results of dredging, under the supervision of Alexander Agassiz, in the Gulf of Mexico (1877-78) and in the Caribbean Sea (1879-1880), by the U. S. Coast Survey Steamer "Blake", Lieutenant-Commander C.D. Sigsbee, U.S.N., and Commander J.R. Bartlett, U.S.N., commanding. XXIX. Report on the Mollusca. Part II Gastropoda and Scaphopoda. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology*, Harvard, 18: 1-492.

DIAZ, J.M.M. & M.H. PUYANA. 1994. *Moluscos del Caribe Colombiano*. Santafé de Bogotá, Colciencias y Fundación Natura, 291p.

ENGL, W. 2001. *Tjaermeoia michaeli* sp. nov. *La Conchiglia*, Roma, 34 (303): 11-12.

- JEFFREYS, J.G. 1882. On the Mollusca procured during the Lightning and Porcupine expeditions. IV. **Proceedings of the Zoological Society of London** (1881): 922-952.
- KIDWELL, S.M. 2001a. Preservation of species abundance in marine death assemblages. **Science**, Washington, D.C., **294**: 1091-1094.
- KIDWELL, S.M. 2001b. Ecological fidelity of molluscan death assemblages, p. 199-221. *In*: J.Y. ALLER; S.A. WOODIN & R.C. ALLER (Eds). **Organism-Sediment Interactions**. Columbia, University of South Carolina Press, 406p.
- NEWELL, N.D. 1969. Classification of Bivalvia, p. 205-224. *In*: R.C. MOORE (Ed.). **Treatise on Invertebrate Paleontology. Part N. Mollusca 6. Bivalvia**. Kansas, The Geological Society of America & University of Kansas Press, vol. 1, XXXVIII+489p.
- PIMENTA, A.D. & R.S. ABSALÃO. 2001. The genera *Bacteridium* Thiele, 1929 and *Careliopsis* Mörch, 1875 (Gastropoda: Pyramidellidae) from the east coast of South America. **Bollettino Malacologico**, Roma, **37** (1-4): 41-48.
- . 2002. On the taxonomy of *Turbonilla puncta* (C.B. Adams, 1850) (Gastropoda, Pyramidellidae), with the description of a new species from Brazil and remarks on other western Atlantic species. **Zootaxa**, Auckland, **78**: 1-16.
- PIMENTA, A.D. & P.M.S. COSTA. 2002. Espécies de moluscos marinhos descritas para o litoral do Brasil posteriores a Rios (1994). **Informativo SBMa**, Rio de Janeiro, **139**: 4-5.
- RIOS, E.C. 1994. **Seashells of Brazil**. Rio Grande, Museu Oceanográfico Prof. E.C. Rios da Fundação Universidade de Rio Grande, 2<sup>nd</sup> ed., 368p.
- WARÉN, A. 1979. On the Systematic position of *Benthonella nisonis* Dall, 1889 (Gastropoda, Prosobranchia). **Journal of Molluscan Studies**, Oxford, **45**: 284-288.
- . 1991. New and little known Mollusca from Iceland and Scandinavia. **Sarsia**, Blomsterdalen, **76**: 53-124.
- WARÉN, A. & P. BOUCHET. 1988. A new species of Vanikoridae from the western Mediterranean, with remarks on the northeast Atlantic species of the family. **Bollettino Malacologico**, Roma, **24** (5-8): 73-100.

---

Recebido em 09.I.2003; aceito em 08.V.2003.